

ANA MIRA

AFFECTIVO PRIMITIVO

UM ESTUDO SOBRE A
POTÊNCIA DO CORPO QUE
DANÇA A PARTIR DE
NIETZSCHE SEGUNDO DELEUZE

A norma ortográfica do texto refere-se às opções do autor

“La vie, cas particulier (tirer de là une hypothèse concernant le caractère d’ensemble de l’existence), tend à la sensation d’un maximum de puissance; elle est essentiellement l’effort vers plus de puissance; sa réalité la plus profonde, la plus intime, c’est ce vouloir.” (Nietzsche, VP, II, 41).

“C’est chez le vivant justement qu’on peut démontrer avec le plus d’évidence qu’il faut tout, non pour se conserver, mais pour s’accroître...” (Nietzsche, VP, II, 41).

Em “Da insaciabilidade no caso ou ao mesmo tempo um milagre”, de Hugo Calhim Cristovão e Joana von Mayer Trindade e (2017), quatro performers atiram-se para o solo e o ar insistentemente: caem, saltam, correm, giram, dobram-se, encavalitam-se, arqueiam-se, baixam-se, empurram-se, suspendem-se, prendem-se, torcem-se, agarram-se, entalam-se, largam-se, rastejam, lutam e ficam. A sua performance leva o corpo que dança ao limite daquilo que seria por este suportável num grito mudo por uma vida maior. A matriz geométrica da composição do espaço entre os performers, e entre as linhas que os ligam à presença de Almada Negreiros (o autor que influenciou esta peça coreográfica), torna-se o caminho percorrido para a metamorfose do corpo que dança.

O esforço incessante daqueles performers tende para a “sensação de um máximo de potência”, seria isso a vida, enquanto a sua realidade mais profunda é esse querer (do querer) e não apenas a sua conservação – eles lutam por se expandir (Nietzsche, VP, II, 41). A metamorfose daquele corpo que dança, assim como a testemunhei, acontece perto do final da peça coreográfica, quando os performers suspendem o seu incessante e duradouro movimento para permanecerem em quietude por muito tempo. De olhos fechados eles estão assombrados por todas as forças que convocaram até ali, ou até mesmo possuídos por elas. De cada poro da sua pele vejo sair calor e vapor. Eles estavam imersos naquela calma inquieta de quando tudo cai na justa vastidão do seu lugar e a seu tempo. Aqueles corpos transmitem-me um sentido de existência conectado a uma vida maior, precisamente aquela que não pode ser capturada, apenas sentida: nada pode pará-los de sentir a intensidade das forças que os atravessam. O esforço daqueles performers, ou melhor o excesso desse esforço como forma de insaciabilidade (provavelmente, resultando daí também o milagre humano da transformação do corpo), fá-los descarregar o peso da vida e aterrar num lugar de vibrações mínimas: as “pequenas percepções”. Para Gil as “pequenas percepções” são impressões feitas pelos corpos que nos circundam e as quais articulamos no espaço da nossa visão, porque envolvem o infinito e libertam sentidos, revelam-nos ainda capazes de captar “sinais ínfimos e invisíveis que povoam doravante a claridade do espaço. Em busca da linguagem” (2005: 52). O corpo que dança daqueles performers já não estava carregado do peso da vida submetida a valores superiores a ela, mas sim da vida que transborda do corpo, se afirma e o liga a outros seres sensíveis orgânicos e inorgânicos, virtual e expressivamente, para quem os observa.

A “forma afectiva primitiva”, o tema deste pequeno ensaio de dança e filosofia, designava um “sentimento de potência” em Nietzsche, antes do autor ter tratado o conceito de “potência” como “vontade” (Deleuze 2010: 71). Na interpretação de Nietzsche feita por Deleuze, esse “sentimento de potência”

acarretava a “afectividade, sensibilidade, sensação” de um poder de ser afectado que não seria passividade (Deleuze 2010: 71). Para Nietzsche, a característica “forma afectiva primitiva” tornou-se, mais tarde e na elaboração do conceito completo de “vontade de potência”¹, a “manifestação da vontade de potência” de onde derivam os outros sentimentos (Deleuze 2010: 71). Escreve Nietzsche: “A minha teoria seria que a vontade de potência é a forma afectiva primitiva, da qual todos os outros sentimentos não são senão o desenvolvimento” (VP, II 42). O poder de ser afectado sem que tal fosse passividade, quer dizer que no “movimento que transporta para a frente” não há qualquer entrave; assim “passivo” seria “acto de resistência e de reacção”, enquanto que o tender para a potência seria “activo” (Nietzsche, VP, II, 43). Deste modo, a vida do corpo que dança é activa, mesmo no movimento de forças activas e reactivas, desde que permaneça a tender para a “sensação de um máximo de potência” (tal como referimos anteriormente), voltada sobre si mesma, transportada pelo querer que apenas quer, em movimentos de expansão e superação.

Recordo a concepção do corpo em Nietzsche, na esteira de Espinosa, ou seja, não se sabe o que pode um corpo por não se saber “do que ele é capaz, que forças são as suas nem o que elas preparam” (Deleuze 2010: 44). Aquilo que define um corpo é “essa relação entre as forças dominantes e as forças dominadas” e é por isso que um corpo, como relação de forças, pode ser “químico, biológico, social, político” – um corpo constitui-se, desde que duas forças, não iguais, entrem em relação (Deleuze 2010: 45). Grosz sublinha o “activo” do corpo, “em ambos os seus níveis intraorgânico ou celular e como um organismo total, integrado, um animal, que é activo, a fonte e o sítio para a vontade de poder e o movimento de forças activas (assim como reactivas)” (1994: 122). Segundo a autora, a auto-expansão e auto-superação do corpo vem precisamente dessa sua actividade que resultaria no conhecimento e no poder ou potência (1994: 122).

Ao estabelecer uma relação de ressonância entre o conceito de “vontade de potência” e o corpo que dança dos performers da peça coreográfica aqui em estudo, é possível constatar que a luta a que assisti naqueles corpos é por “sobrevivência” (e não conservação), “aumento”, “superação de si-mesmo ao nível das células, tecidos, órgãos”, continuando com a concepção nietzschiana do corpo segundo Grosz (1994:122). Ao mesmo tempo, a oposição de Nietzsche ao atomismo implicava que as forças e as energias do corpo não eram reduzidas a “átomos, partículas elementares, objectos ou órgãos”, pois o corpo era feito de forças, micro-vontades, que lutam entre si por supremacia” (Grosz 1994: 122).

Deste modo, pode dizer-se que ao corpo empírico dos performers corresponde uma dose de potência que o excede e metamorfoseia no corpo de forças (virtual) da experimentação, que, por sua vez, consiste em ambos o corpo que dança e a sua própria condição de dançar. O esforço e a luta daqueles performers consistiu no programa experimental em que se lançaram e o qual testemunhei como espectadora. Esse programa abriu o corpo que dança às forças que o atravessam, para tal foi preciso que ocorresse uma metamorfose do corpo capaz de o desdobrar em múltiplos e mínimos movimentos virtuais. A metamorfose do corpo é precisamente essa passagem do corpo empírico para um corpo em devir (o devir das forças que o atravessam e o compõem); na terminologia de Deleuze, “um devir sensível” em que “toda a sensibilidade não seria senão que um devir das forças” (Deleuze 2010: 72). Para compreender esse devir sensível das forças, o qual observei na metamorfose daquele corpo que dança, depois da luta e quando fica envolvido pelas “pequenas percepções” (ver acima), é preciso regressar à relação entre forças activas e forças reactivas, pois elas são as qualidades da força que levam à “vontade de potência” cuja manifestação era, para Nietzsche, a “forma afectiva primitiva” (Deleuze 2010: 71). Teria de fazer ainda parte deste estudo, junto com outros aspectos que não é possível aprofundarem-se aqui, a concepção nietzschiana do eterno retorno, num movimento de afirmação da vida e, ao invés do tempo cíclico, pelo diferente na repetição (tal como Deleuze elaborou na sua obra).

Num corpo, como relação entre forças, o acaso é o elemento que imprime o “arbitrário das forças que o compõem” (Deleuze 2010: 45). É por isso que o corpo é “fenómeno múltiplo”, composto por uma pluralidade de forças irreduzíveis ao nível microscópico das “pequenas percepções” (ver acima). O corpo que dança daqueles performers são ambos em si e na sua interacção, ou conflito, uma multiplicidade de forças que ganham domínio ou se tornam subordinadas à dominância de outras. Mais especificamente, no corpo, o “activo” (forças superiores ou dominantes) e o “reactivo” (forças inferiores ou dominadas) são as qualidades que exprimem a relação da força com a força (Deleuze 2010: 45).

As forças activas têm a particularidade de estarem voltadas para si mesmas no sentido da sua expansão e do limite do que podem. A força activa é “plástica, dominante e subjugante”, ela vai “até ao final do seu poder [ou potência]” e “afirma a sua diferença, (...) faz da sua diferença

1 O conceito de “vontade de potência [ou poder]” consistiu num projecto de escrita abandonado por Nietzsche, ficando apenas em forma de fragmentos póstumos. Mais tarde, esses fragmentos foram compilados pela sua irmã de um modo não legitimado. Na edição crítica – NIETZSCHE, Friedrich (1999), Kritische Studienausgabe, Herausgegeben von Colli, G./ Montinari, M., Berlin (New York: De Gruyter, Neuausgabe), 15 vols. – não existe o livro intitulado “Vontade de Potência”, apesar de o mesmo existir em edições francesas e inglesas, entre outras.

um objecto de prazer e de afirmação” (Deleuze 2010: 69). As forças reactivas, voltadas para as activas e não mais fracas que estas, reagem às forças activas ao separá-las do seu poder e ao convertê-las em forças reactivas: as forças reactivas “separam a força activa daquilo que ela pode (...) tornando-a reactiva” (Deleuze 2010: 64). As forças reactivas, não perdendo a sua quantidade de força, asseguram as “condições de vida e as funções, as tarefas de conservação, de adaptação e de utilidade” (Deleuze 2010: 46). Para que as forças reactivas se tornem activas, a negação tem de ser convertida em potência de afirmação (Deleuze 2010: 202). Enquanto as forças activas “escapam à consciência (...essencialmente reactiva)”, a sua actividade essencialmente inconsciente ilimita o que um corpo é capaz de fazer ou alcançar, por isso tornando-o superior (Deleuze 2010: 45). Por um lado, a plasticidade e a energia do corpo, a sua capacidade de devir, expandir, superar e, por outro lado, a mobilidade das forças activas que o compõem, implicam o “tender para a potência” de um corpo que se metamorfoseou (Deleuze 2010: 48).

Na relação da força com a força, em Nietzsche, Deleuze analisa o elemento diferencial como a essência da força: “as forças têm uma quantidade, mas elas têm também a qualidade que corresponde à sua diferença de quantidade (...) quer dizer a afecção que cumpre efetivamente a sua potência” (2010: 48). No pensamento filosófico de Nietzsche, a negação da diferença na força acontece na negação da vida e na depreciação da existência, sob o regime das forças reactivas e das formas principais do niilismo: o ressentimento, a má consciência e o ideal ascético (resumidamente). À semelhança da negação da diferença na força, o eterno retorno seria então regido pelo princípio “da reprodução do diverso enquanto tal, aquele da repetição da diferença” (Deleuze 2010: 52). O eterno retorno não seria o equilíbrio do retorno do mesmo, mas da diferença e da sua repetição; sendo que a este último princípio Nietzsche, segundo Deleuze, denomina por “vontade de potência” (2010: 55).

A “vontade de potência”, aquilo que quer (enquanto a força é aquilo que pode), consiste num “complemento da força”: a “vontade de potência atribui à força “um querer interno” (2010: 56). A “vontade de potência” nasce imbricada na relação plástica e de metamorfose entre forças (plástica e de metamorfose devido ao acaso), ela é “o elemento do qual decorre, a cada vez, a diferença de quantidade das forças postas em relação e a qualidade que, nessa relação, regressa a cada força” (Nietzsche in Deleuze 2010: 56). Em termos de qualidade, a “vontade de potência” afirma e nega e a “força” age e reage (Deleuze 2010: 61). Uma força é afectada por outras e esse poder de se ser afectado consiste na manifestação da “vontade de potência”; assim, a força de um corpo é esse poder de ser afectado por “maior número de maneiras” que “exprime a sua potência” (Deleuze 2010: 70).

É preciso que o corpo que dança entre em relação para exercitar a sua potência, ele tem de lutar e de ultrapassar a resistência que o mantém no regime da homeostasia. Todos os movimentos que testemunhei no esforço dos performers da peça coreográfica em análise, eram como um grito mudo de invocação a uma afectividade, sensibilidade não perdida, mas que precisava de ser afirmada na sua diferença a cada devir sensível da relação entre forças. Para tal, eles intensificaram as sensações do corpo que dança, nele escavaram todos os seus poderes até que uma vontade se manifestasse na sua expressão, senda esta liberta pelo pó húmido e quente daquelas vibrações mínimas vindas dos poros da pele e de onde me chegavam as imagens e os sentidos em busca de uma linguagem mais corpórea e incorpórea, ao mesmo tempo. Por um “sentimento de potência”, nas palavras de Nietzsche, que viria a consistir na “manifestação da vontade de potência” ela mesma, a “forma afectiva primitiva” convoca o sensível da força: a “sensibilidade diferencial”, ao mesmo tempo primeira e em incessante retorno da diferença na repetição que atravessa o corpo que dança, se este a auscultar, em suas sucessivas e fluídas formas expressivas.

Em Nietzsche, a noção de “primitivo” refere-se aos fundamentos, mas não no sentido originário nem cronológico, e ela não pode deixar de ser reportada à influência de Schopenhauer na elaboração do conceito de “vontade de si” em que o ser (cada ser) é “vontade de potência”, em termos de tensão e pela afirmação em si mesmo. A noção de “afectivo”, vinda de Espinosa e tal como o nome indica, refere-se ao afecto, onde a “vontade de potência” consiste no poder de afectar e ser afectado. A “forma afectiva primitiva”, tal como analisada acima, implica que cada sentimento seja uma manifestação da “vontade de potência”.

A partir da “forma afectiva primitiva”, o problema consiste em perceber em que termos se poderia compreender o termo afectivo primitivo. À “forma” em Nietzsche, Deleuze acrescenta o facto dessa forma poder surgir em “devir sensível”, embora em Nietzsche a forma já implicasse uma tensão que se repete, onde Deleuze analisa o movimento da diferença. No corpo que dança através de formas em mutação, o que é, então, o afectivo primitivo a partir da noção de “forma afectiva primitiva”? a diferença na sensação do corpo que dança capaz de manifestar, através das formas em devir-sensível, uma vontade de potência como afirmação da vida.

Deleuze escreve:

“De facto, a vontade de potência reina mesmo no mundo inorgânico, sobretudo não existe mundo inorgânico. Não se pode eliminar a acção à distância: uma coisa atrai a outra. Eis o facto fundamental...Para que a vontade de potência possa manifestar-se, ela tem necessidade de perceber as coisas que ela vê, ela sente a aproximação daquilo que lhe é assimilável” (2010: 71).

Não sei o que viam aqueles performers ou que forças persentiam ser-lhes assimiláveis, vi a sua luta, o movimento do querer da vontade, o poder da força, a sua afectibilidade, a liquidação de qualquer entrave para continuar a exercitar a vida, a expandir o corpo em direcção àquela proliferação de imagens quase imperceptíveis que estalaram no meu corpo, manifestando uma vontade de potência como matéria de uma sensibilidade.

O embate do corpo a corpo quando os performers da peça coreográfica em estudo se atiram para o solo e o ar, leva o corpo ao limite daquilo que seria por ele suportável e fá-lo entrar num excesso de si mesmo onde a fraqueza e a força se tomam por assalto. Eis o ponto supremo das vísceras em luta pela vida, a reviravolta e a descarga energética trazida à superfície da pele daqueles corpos. Eles suportam tamanha força porque se metamorfoseiam e transmutam o próprio sentido do sensível. Eles abrem-se ao mundo e com ele vibram, aí o afectivo primitivo, esse elemento diferencial na sensação que transporta o corpo que dança num devir-sensível das formas e manifesta uma vontade de potência num movimento (numa luta) de afirmação da vida; enquanto os corpos espelham nos meus olhos pequenas e fortes potências de vida.

Dizer sim à vida, por abundância, desejo ou acumulação da força – tal como o fez o corpo que dança naquela peça coreográfica, na sua luta por superar a resistência do organismo e se abrir a forças que o atravessam – consistiria primeiro na metamorfose de um corpo. Esta metamorfose implicaria um acolhimento da vida pelo corpo empírico ao tornar-se um “vir-a-ser” do corpo de forças da experimentação na dança (Pelbart 2013: 108). Segundo, a pequena morte daqueles corpos arrasta consigo uma derrocada dos sentidos num tempo ainda por vir, por esta razão vai ser preciso continuar a pensar o que é o sentido do sensível na dança e na filosofia.

Concluindo por agora, no mundo também em expansão da dança e filosofia, convocado pelo projecto Da insaciabilidade no caso ou ao mesmo tempo um milagre, de Hugo Calhim Cristovão e Joana von Mayer Trindade (2017) e suas actividades (peça coreográfica, formação, encontros, escritos de artistas e filósofos, a presente publicação), apela-se ao papel do corpo na produção de sentido, onde, segundo o projecto nietzschiano, a potência e também o conhecimento viriam da actividade do corpo.

Ao pensar “a forma afectiva primitiva” como manifestação da “vontade de potência” no corpo que dança, compreendendo esse corpo como relação entre forças, entra-se no campo da “sensibilidade das forças” (Deleuze 2010: 72). Ao problematizar sobre o que pudesse ser o afectivo primitivo, enfatizou-se a afectividade, a sensibilidade, a sensação de um corpo que dança de modo a discernir a diferença na sensação que manifesta, através do “devir sensível” das forças e suas formas expressivas, uma “vontade de potência” como afirmação da vida (este estudo continuará). Na dança e filosofia, a metamorfose do corpo e a inerente transmutação do sentido do sensível pelo movimento do corpo e da escrita, apela à coragem de se conseguir mais espaços como o que este projecto incitou, com ainda mais tempo para a relação entre a dança e a filosofia como prática, com a sua luta e a sua pulsão vinda de uma vontade de potência; por movimentos de afirmação da vida, ao encontro dos seres sensíveis e selvagens, orgânicos e inorgânicos, em mutação, através de incessantes lançamentos para o solo e o ar. Diante do abismo, dançar ainda.

Referências bibliográficas:

- DELEUZE, Gilles. Nietzsche et la Philosophie, Presses Universitaire de France, Paris, 2010
GIL, José. A Imagem-Nua e as Pequenas Percepções: Estética e Metafenomenologia, 2ª ed., Relógio d'Água, Lisboa, 2005
GROSZ, Elizabeth. Volatile Bodies: Toward a Corporeal Feminism, Indiana University Press, Indianapolis, 1994
NIETZSCHE, Friedrich. La Volonté de Puissance I, II, Gallimard, Paris, 1995
PELBART, Peter Pál. O Aveso do Niilismo: Cartografias do Esgotamento, N-1 Edições, São Paulo, 2013